



# O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

*200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN*

Ano 2011

NOVEMBRO

Nº 04

2ª e última parte da “**ENGENHARIA MILITAR BRASILEIRA NA GUERRA DO PARAGUAI**”  
Cel Eng EM RRm CARLOS JOSÉ SAMPAIO MALAN

### 3 ATUAÇÃO DO CORPO DE ENGENHEIROS NA GUERRA DO PARAGUAI

E o Batalhão combatia  
Junto ao Corpo de Engenheiros!  
Em cada luta – parceiros,  
Numa simbiose que encerra  
Vilagran – cabo-de-guerra,  
José Carlos de Carvalho,  
Chefes que, com seu trabalho,  
Deram mais que ensinamento.  
Na guerra de movimento,  
Sabiam melhor atalho!  
(SALDANHA, 2009)

O Corpo de Engenheiros fazia parte dos Corpos Especiais e seu chefe, o Tenente-coronel José Carlos de Carvalho, era no início da campanha do Paraguai o assessor direto de Osorio para assuntos de Engenharia. O trabalho dos engenheiros desta comissão era primordialmente técnico tendo em vista a sua formação acadêmica.

Faltava, além disso, pela inexperiência, a compreensão do papel da cadeia logística, desdobrada para a retaguarda, para o suprimento, a substituição e a recuperação dos materiais, inclusive material de Engenharia, que não dispunha do respectivo serviço, o que levava o Ten Cel José Carlos de Carvalho, Chefe da Comissão de Engenheiros, a reunir previamente os meios disponíveis, por compra, requisição ou aproveitamento dos recursos locais, para constituir depósitos de suprimento necessários às operações planejadas (TAVARES, 1981, p. 257).

Foi assim na Transposição do Paraná<sup>1</sup>, os reconhecimentos técnicos de engenharia do Ten Cel José Carlos de Carvalho permitiram levantar os locais de travessia, os meios necessários, inclusive da Marinha Imperial, para aquela que seria uma transposição coberta de êxito.

A Construção da Estrada do Chaco com a participação de engenheiros daquela Comissão bem atesta a evolução do emprego de técnicas de construção aliadas ao combate.

<sup>1</sup> Transposição de um curso de água: Operação que visa levar o poder de combate através de um obstáculo aquático, assegurando integridade e a impulsão da força. (GLOSSÁRIO, 2003, p.T-5).

Da mesma forma, por intermédio das ordens do dia e citações de combate, estas atuações da Comissão de Engenheiros serão apresentadas pelos relatos de seus comandantes diretos.

### 3.1 TRANSPosição DO RIO PARANÁ

Um dos primeiros cuidados de Osório ao chegar à margem esquerda do Paraná, foi tomar as necessárias providências para assegurar a passagem deste caudaloso rio. Oficia a Tamandaré, pedindo recursos para a construção de pequenas embarcações. Determina a criação de um estaleiro em Corrientes e confia a direção dos trabalhos ao Chefe da Comissão de Engenheiros, Ten Cel José Carlos de Carvalho, auxiliado por uma pleiade de engenheiros militares.

Estes oficiais providenciaram a construção de barcos modelo francês, aquisição de material para confecção de 10 canoas e a aquisição de outras três prontas.

Diante da atividade desenvolvida, o Ten Cel José Carlos de Carvalho informava a 24 de fevereiro de 1866, que para passar o Paraná, o Exército dispunha de:

02 batelões podendo transportar 120 homens

09 pontões de goma elástica podendo transportar 225 homens

43 canoas completas podendo transportar 1075 homens

01 vapor de excelente marcha para rebocar

O vapor São Paulo para transportar 400 homens

Esperava receber de Montevideo, dez batelões para transportar cada 40 homens

Tamandaré prometera dar: 4 vapores pequenos e 3 a 4 chatas.

A 10 de março de 1866, os nossos recursos em material para pontagem eram os seguintes:

50 canoas para 1250 homens

2 batelões para 120 homens

6 balsas para artilharia, carretame e cavalhada.

1 chata grande

800 remos, 120 âncoras de 4 a 6 arroubas, 500 mil pés de pranchões de pinho, grande quantidade de cabos de diversas bitolas. Ferro, pregos e todo material e matéria prima própria para qualquer construção. A 21 de março todo o trem para a travessia estava pronto.

Dirigindo a parte técnica das três flotilhas, o Ten Cel José Carlos de Carvalho, os capitães Luiz Vieira Ferreira e Abreu e Lima, os tenentes Jerônimo de Moraes Jardim, Manoel Inácio Carneiro, José Simeão de Oliveira e Benardino Sena Madureira.

A missão principal da Comissão de Engenheiros e da tropa de execução do batalhão de Engenheiros foi a de apoiar o desembarque lançando pranchas e construindo picadas na margem inimiga, bem como organizar a posição do Exército na 2ª margem<sup>2</sup> para manter a posse da cabeça-de-ponte.<sup>3</sup>

O Chefe da Comissão de Engenheiros não se esqueceu de preparar o material de sítio, prevendo que após a passagem do Passo da Pátria se seguiria Humaitá.

Da mesma forma como fizemos com o combate da Ilha da Redenção, através da ORDEM DO DIA, deixamos que ela, por si só, fale sobre a participação do Ten Cel José Carlos de Carvalho, Chefe da Comissão de Engenheiros, conselheiro direto do Gen Osório, que desde os reconhecimentos, transposição e operações futuras foram por ele preparadas como Chefe da Engenharia na Guerra do Paraguai, num trabalho diuturno, sem repouso como exigia os trabalhos de engenharia.

Citação de Combate após a tomada de Itapiru, conforme Anexo E.

---

<sup>2</sup> 2ª margem mesmo que margem oposta ou inimiga.

<sup>3</sup> Área ou posição na margem inimiga de um curso de água obstáculo, que uma força conquista na ofensiva, a fim de assegurar as melhores condições para o prosseguimento de suas operações ou para operações de outras forças (GLOSSÁRIO, 2003, p. C-1).

Em carta de Osório a Ferraz, Ministro da Guerra, assim se referia ao seu Chefe da Comissão de Engenheiros: "Os oficiais que se têm recolhido à Corte [...] o tenente-coronel Carlos de Carvalho, porém, chefe da Comissão de Engenheiros, me faz muita falta, e estimarei que venha breve" (TAVARES, 1942, p. 9).

A bandeira que primeiro flutuou em Itapiru foi a do 6º batalhão de infantaria (que fazia a vanguarda), comandada pelo tenente-coronel Antonio da Silva Paranhos. Hasteou-a o Tenente-Coronel de engenheiros José Carlos de Carvalho (JOURDAN apud SCHNEIDER, 2009, p. 388).

O Ten Cel José Carlos de Carvalho nasceu em 16 de setembro de 1826, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de Antonio Carlos de Carvalho. Verificou praça, como voluntário, em 2 de dezembro de 1839. Professor de engenharia da Escola Militar da Praia Vermelha, possuía extenso currículo de obras realizadas. Em 4 de janeiro de 1868, morreu em Montevidéu, República do Uruguai, vítima de enfermidade adquirida durante a campanha do Paraguai.

### 3.2 CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DO CHACO

Com a ocupação de Palmas, pelo exército aliado, Lopez organiza-se fortemente na linha Pequiciri. Em reconhecimentos sucessivos Caxias, se assegura de que a posição é inexpugnável num ataque frontal e trata de assentar seu plano para vencer esta nova resistência. Pelo exame da situação, só era possível o ataque pelo flanco direito e para isso se impunha a construção de uma estrada pelo Chaco.

Eis o plano que só o espírito de Caxias poderia determinar - uma estrada por entre pântanos e matagais, situados em nível inferior ao do Rio Paraguai e, portanto, sujeitos a inundações periódicas.

O escolhido para tão árdua missão foi o Gen Argolo, que prontamente deu início à obra que o glorificaria como técnico, bem como combatente. Argolo dispunha de 3000 homens das três armas, entre os quais o Batalhão de Engenheiros.

No dia 13 de outubro de 1869, Argolo embarcou com seu Corpo de Exército em Humaitá, para atravessar o Rio Paraguai e ir desembarcar no Porto Santa Tereza na margem direita.

No dia 14, tiveram início os trabalhos da estrada do Chaco, com a abertura de uma picada de exploração de 1650 metros. No dia seguinte, avançou-se mais 800 metros. A 16, encontrou-se uma lagoa. Foi necessário construir a primeira ponte, na qual empregariam troncos de carandá - uma palmeira abundante na região do Chaco.

No dia 17, o Cel Rufino Galvão, Chefe da Comissão de Engenheiros, fez ver ao Gen Argolo o inconveniente da picada aberta até então, a qual margeava o Rio Paraguai. Tratavam-se de terrenos alagados e sujeitos ao fogo das baterias de Angustura. Acordou-se na mudança de rumo e o trecho aberto foi abandonado para tomar-se outra direção. Nesse mesmo dia, abrem-se cerca de 1000 metros de picada. Há necessidade da construção de três pontes. No dia 18, avançou-se mais 700 metros, encontrando-se um arroio. Em busca de um ponto mais favorável para uma travessia, abre-se nova picada de 2000 metros. Prosseguem os trabalhos para construção do leito da estrada, escalonando-se por toda a extensão da picada, batalhões de infantaria com a missão de estivá-la com troncos de carandá, pois os terrenos que a estrada atravessava não eram firmes.

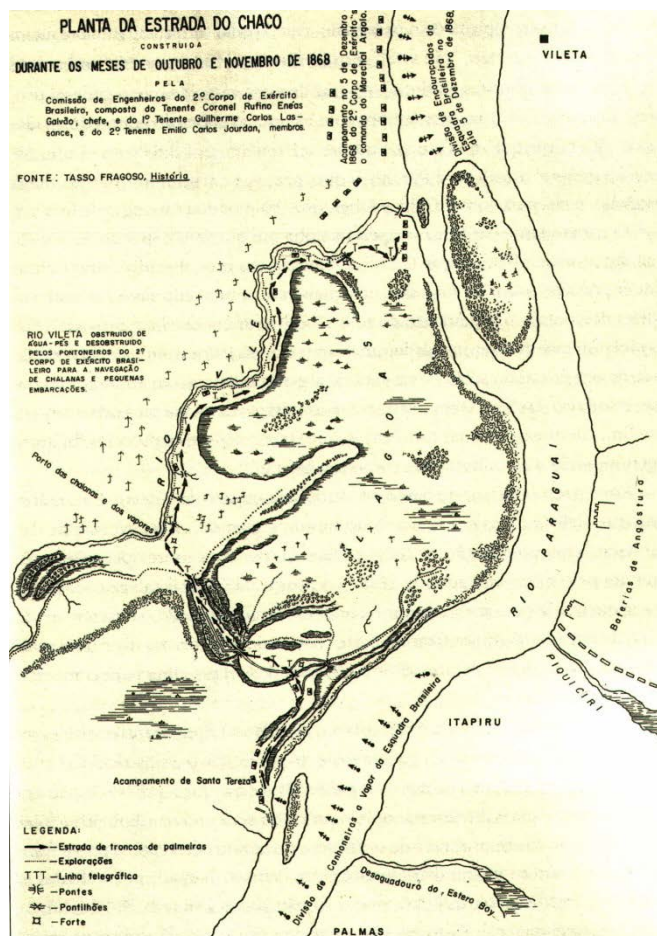
Nos dias 23 e 24, os trabalhos da picada tiveram um rendimento diário de 3.000 metros.

No dia 27, terminou-se a construção da última ponte. A estrada estava pronta. Continuou-se, no entanto, com os trabalhos de consolidação e conservação. A estrada aberta estendia-se por 11.000 metros. Foram aproveitados 6.000 troncos de carandá para a construção das cinco pontes e para estivar 3.000 metros de estrada.

Durante a fase final, desobstruiu-se a foz do arroio Vileta e bem assim um trecho de 2 léguas, para que este pudesse ser percorrido por embarcações. Foi um trabalho insano em que se pôs à prova à habilidade dos pontoneiros. Outros tinham fracassado.

Vejamos como o Chefe da Comissão de Engenheiros do 2º Corpo de Exército Brasileiro descreveu a construção da Estrada do Chaco, na sua legenda, na Planta da Estrada do Chaco (Planta nº 3):

A estrada tinha dez mil setecentos e quatorze metros (10.714) de extensão, em terrenos pantanosos, cheios de lagoas profundas e matas virgens. Construíram-se nela cinco pontes, tendo uma quarenta e quatro metros, em profundidade d'água de 2,5 metros, e dois mil novecentos e trinta metros de estiva em diversos lugares, lutando-se durante a construção com a enchente do rio. Foi construída a estrada em 23 dias. Não tendo o nome assinalado no Mapa de Munhoz o rio que deságua na povoação de Vileta dois mil metros pouco mais ou menos, dei-lhe o nome de Vileta, denominado por Thompson em sua obra sobre a guerra do Paraguay-Acurahy. Tendo alguma confiança no dito mapa, na parte relativa ao litoral, e na falta de outros dados e informações sobre os terrenos do Chaco, tomei o dito rio como guia para o traço da estrada, e tendo sido bem sucedido em encontrá-lo, ficou resolvido o problema, pois reduziu-se a seguir sua margem direita até a barra do Paraguay, próxima à qual deveria achar-se a divisão encouraçada da esquadra brasileira, como fato estava. Os outros membros da comissão de engenheiros que trabalharam nesta estrada foram: o 1º Tenente Guilherme Carlos Lassance e o 2º Tenente Emilio Carlos Jourdan. Trabalharam constantemente na construção três corpos de infantaria e o corpo de pontoneiros do 2º Corpo de Exército Brasileiro. Coronel Rufino Enéas Galvão, Chefe da Comissão de Engenheiros do 2º Corpo de Exército (FRAGOSO, 1959, p. 50).



Planta 3 - Estrada do Chaco

Fonte: Doratioto (2002, p. 357).

Estas foram, em breve pinceladas, as atuações do Batalhão de Engenheiros em missões típicas de combate e do Corpo de Engenheiros no assessoramento de missões técnicas na Guerra do Paraguai.

Após expor as participações e seus principais protagonistas, a seguir, apresentam-se as consequências que estas intervenções tiveram para a Engenharia Militar Brasileira.

#### 4 CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA DO PARAGUAI PARA A ENGENHARIA MILITAR

A técnica do Engenheiro  
Irmanou-se ao combatente!

Foi a primeira semente  
Precursora da vitória,  
Sem linha demarcatória  
Ou qualquer separação.  
Do engenheiro – a visão;  
De Vilagran – liderança;  
Em plena Tríplice Aliança  
Sobrepujando Assunção!  
(SALDANHA, 2009)

##### 4.1 TRANSFORMAÇÃO DA ENGENHARIA TÉCNICA PARA ARMA COMBATENTE

O grande papel permanente que, em todas as situações, consagrava a intervenção da nossa Engenharia na Campanha do Paraguai, era o de criar e o de vencer obstáculos dentro das missões das Grandes Unidades, constituídas, em proveito das outras Armas, como nova Arma combatente que se formaria cada vez mais, durante o curso da Guerra, na marcha para o inimigo, na abordagem de suas posições e no próprio combate. O engenheiro se transformava no combatente, sobressaindo-se pela bravura, pela resistência, pelo entusiasmo e pela fibra de soldado.

A grande escola para a transformação da Engenharia puramente técnica em Arma combatente especializada seria a Guerra do Paraguai, durante os cinco anos que lutaram juntos os elementos do Corpo de Engenheiros e os do Batalhão de Engenheiros, em constante labor criativo para enfrentar os problemas e improvisar soluções, em proveito do curso das operações, em constante processo de criação de substituir, de acordo com as necessidades, das quais nasceria, com estudos, experiências e manobras depois da Guerra, o espírito da Arma, de Engenharia de combate (TAVARES, 1981, p. 204).

As ferramentas de sapa, a pá e a picareta, simbolizam o trabalho e o combate que a engenharia travou, diuturnamente, na construção de trincheiras, espaldões e abrigos para a tropa em seus acampamentos e estacionamentos, estes soldados eram conhecidos como sapadores, que nas ações de combate contra as posições inimigas, carregavam nos ombros, escadas e machados para escalar os taludes e destruir os emaranhados de abatizes.

##### 4.2 ADAPTAÇÃO DO ENGENHEIRO-DOUTOR AO ENGENHEIRO-SOLDADO

Desde sua organização para a Campanha da Tríplice Aliança contra o Paraguai, quer como Corpo Especial – Corpo de Engenheiros, quer como Tropa Operacional - Batalhão de Engenheiros, a especialização engenharia, durante o período de 1865 a 1870, foi sendo testada, experimentada da maneira mais completa possível, que só um conflito bélico de longa duração e envolvendo países podem oferecer.

Essa simbiose entre o técnico e o combatente, o engenheiro-doutor e o engenheiro-soldado, foram se consolidando na medida em que novas técnicas de transposição de cursos d'água, que até então se restringiam a rios vadeáveis, passando por pequenas pontes de circunstâncias, viriam a

desembocar em planejamentos de transposição com emprego de outras forças, utilizando vapores da Marinha, embarcações para tropa e animais, bem como toda cauda logística, numa verdadeira operação combinada como ocorreu na Travessia do Rio Paraná.

A construção de vias permanentes e telegráficas durante a Campanha do Paraguai foram supridas por engenheiros de combate e de construção, onde oficiais do Batalhão de Engenheiros foram empregados para explorar a linha telegráfica e controlar a Estrada de Ferro do Paraguai.

Porém, é com a construção da Estrada do Chaco, de importância capital para a manobra de Caxias em Piquiciri, que o valor do engenheiro técnico se funde com o combatente.

Estes trabalhos que já eram feitos em tempo de paz, para o desenvolvimento do Império, foram como que um laboratório para os engenheiros utilizarem sua técnica em proveito do combate.

#### 4.3 TÉCNICAS DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSOS DE ÁGUA

As transposições à viva força, foram sendo substituídas pelas transposições preparadas<sup>4</sup>, onde o engenheiro combatente não podia prescindir do técnico para o estudo do terreno, através de reconhecimentos especializados das margens, dos cursos d'água e planejamento minucioso do material de travessia a ser empregado. Além disso, um novo combatente foi sendo forjado - o pontoneiro, elemento de engenharia especializado nas transposições de curso d'água.

#### 4.4 REORGANIZAÇÃO DO BATALHÃO DE ENGENHEIROS

A criação de mais duas companhias no Batalhão de Engenheiros, sendo uma de pontes e outra de artifices - elementos especializados em trabalhos de engenharia militar, foi uma consequência natural que precisava ser feita na reorganização do Exército Imperial, sob o comando de Caxias, em julho de 1867, lembrando que Caxias assumira a direção de todas as forças brasileiras, reunindo, sob seu comando único, todos os elementos da Esquadra e do Exército. Assim, o Batalhão de Engenheiros é abrangido por esta reorganização passando a ter seis companhias.

Na reorganização dos Corpos de Exército por Caxias, em janeiro de 1869, o Batalhão de Engenheiros passa diretamente à subordinação do Comandante em Chefe do Corpo de Exército em Campanha.

A Figura 5 simboliza a técnica aliada ao combate, com a adaptação do engenheiro-doutor ao engenheiro-soldado, sem dúvida alguma, a consequência mais importante da Guerra do Paraguai para Engenharia Militar Brasileira. É dessa fusão do engenheiro-doutor com engenheiro-soldado que estava sendo construído o alicerce de uma nova arma do Exército Brasileiro – a Engenharia.



Figura 5 - Engenharia (1865-1871)

Fonte: BARROSO; RODRIGUES (1922). Estampa nº 116.

**Legenda;** a) Alferes, pequeno uniforme (1866); b) Soldado, idem, mesma data; c) Sargento, idem, mesma data; d) Soldado, idem (1871); e) Soldado, ibidem.

<sup>4</sup> Transposição preparada: Operação de transposição de um curso de água obstáculo, executada após metucioso planejamento e amplos preparativos, que exige uma concentração de meios de travessia e de forças para vencer a barreira física e sobrepular uma posição defensiva na margem inimiga. (GLOSSÁRIO, 2003, p.T-6)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes mesmo da Guerra do Paraguai, o Exército Imperial se ressentia de uma especialização no seu Exército, que facilitasse o movimento de suas tropas na transposição dos obstáculos, quer naturais ou preparados pelo inimigo.

A criação do Batalhão de Engenheiros, em 1855, foi o embrião do que seria a nossa quarta Arma, pois, àquela época, existia apenas o Corpo de Engenheiros formado por doutores da Arma de Artilharia.

As participações do Batalhão de Engenheiros demonstraram que na ocupação e combate da Ilha da Redenção, em Tuiuti e Humaitá predominaram atividades tipicamente de combate. As figuras de Vilagran Cabrita, inicialmente, e Conrado Bittencourt lhe sucedendo no comando do Batalhão, foram exemplos de engenheiros-soldados, o primeiro por sua bravura veio a falecer em combate, quando redigia a parte da vitória.

Coube a Conrado Bittencourt, comandar o Batalhão de Engenheiros até o final da campanha do Paraguai, trazendo de volta um Batalhão reorganizado, experimentado no maior campo de provas que uma tropa combatente pode almejar, ou seja, o campo de batalha.

A Transposição do Paraná, por suas características técnicas exigia da Comissão de Engenheiros, inicialmente, chefiada por José Carlos de Carvalho, capacidade de planejamento operacional para o combate dos engenheiros-doutores.

Na construção da Estrada do Chaco, Enéas Galvão, agora chefiando a Comissão de Engenheiros, deu provas de que é possível reunir tropas técnicas com combatentes, a começar pelos engenheiros que lá estavam representadas por sapadores e pontoneiros, indicando que estava surgindo uma Arma que não só complementava as demais, mas que definia suas áreas de atuação até os nossos dias.

A criação da Arma de Engenharia está umbilicalmente associada à Guerra do Paraguai, os nossos engenheiros-doutores demonstraram sua capacidade de atuarem como engenheiros-soldados, dando um exemplo de efetiva participação naquele conflito, e que juntamente com a Infantaria de Sampaio, a Cavalaria de Osorio, e a Artilharia de Mallet, estava surgindo a Engenharia de Vilagran Cabrita, de José Carlos de Carvalho, de Conrado Bittencourt e de Enéas Galvão, dentre tantos outros engenheiros que pelos seus atos de bravura, na Guerra do Paraguai, deram origem à Arma de Engenharia do Exército Brasileiro.

Foi assim que atuou a nossa Engenharia na Guerra da Tríplice Aliança, há quase um século e meio atrás.

E foi aí que, verdadeiramente, ela nasceu, como Arma combatente, daquele misto de doutores e soldados, que lhe criou o espírito e o renome, sob o emblema do famoso Batalhão de Engenheiros.

O castelo, antes símbolo da guerra de sítio, passava a estar presente, no apoio às outras Armas irmãs, em todas as vicissitudes da campanha.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo; RODRIGUES, José Wash. **Uniformes do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1922.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **História do exército brasileiro**. Brasília: IBGE, 1972.

\_\_\_\_\_. **O exército na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

\_\_\_\_\_. **Glossário de termos e expressões para uso no exército**. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2003

LEMOS, Juvêncio Saldanha. **A Saga no Prata**. Porto Alegre: Suliani Letra e Vida, 2009.

MAGALHÃES, J. B. **A evolução militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2008.

MÖLER, Floriano. **A Engenharia na Guerra do Paraguai**. A Defesa Nacional: Rio de Janeiro, maio e junho, 1941.

MORGADO, Sergio Roberto. **A Guerra do Paraguai: fato histórico e fonte de estudos**. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2003.

ORDENS DO DIA, **Exército em operações na Republica do Paraguay de 1865 a 1870**. Rio de Janeiro: Typ. Francisco Alves de Souza, 1877.

SOUZA, Euzébio. **Anedotário da Guerra da Tríplice Aliança 1865 -1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1944.

SCHNEIDER, Louis. **A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**. Porto Alegre: Pradense, 2009.

TASSO FAGOSO, Augusto. **História da Guerra da entre a Tríplice Aliança e o Paraguay**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957.

TAVARES, Maj Aurélio de Lyra. **História da Arma de Engenharia**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1942.

\_\_\_\_\_. **A Engenharia Militar Portuguesa na Construção do Brasil**. Rio de Janeiro: Secção de Publicações do Estado-Maior do Exército, 1965.

\_\_\_\_\_. **Centenário da Morte de Vilagran Cabrita**. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 1966.

\_\_\_\_\_. **Vilagran Cabrita e a Engenharia de Seu Tempo**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

VASCONCELOS, Genserico. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1942.

WIKIPÉDIA. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7adepret>>. Acessado às 22:00hs de 26/07/2010.

#### ANEXO A: Decreto nº 1.535/1855

“Decreto nº 1.535, de 23 de janeiro de 1855

Crêa um Batalhão de Engenheiros

Usando da faculdade concedida pelo art. quarto da Lei nº setecentos e cinquenta e dois de quinze de julho do anno proximo passado: Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1º – Fica creado hum Batalhão de Engenheiros de 4 Cias, organizado confôrme o Plano a este junto.

Artigo 2º – Os officiaes combatentes do E.M. E os subalternos das Cias. Não fazem parte do quadro do batalhão, e servirão por Commissão de qualquer das armas scientificas do Exercito. Dos ultimos, porém, poderá ser empregado em cada Cia. Hum que não pertença aquellas armas.

Artigo 3º – O preenchimento das primeiras 4 vagas de Cap. Será feito com os officiaes tirados de qualquer das armas scientificas, depois entrarão os capitães deste Btl. Em promoção com os officiaes do Corpo de Engenheiros.

Artigo 4º – Os 4 sargentos mandadores em cada Cia. Serão mestres de obra; 2 de madeira, hum de ferro, e outro de pedra, e na mesma proporção serão divididos os soldados artifices.

Artigo 5º – Os vencimentos dos officiaes do Btl. de Engenheiros serão os de Commisão ativa; e os praças de pret, aquelles que pela Legislação se achão ou forem estabelecidos para o Corpo de Artifices, com excepção dos 2ºs sargentos mandadores e dos soldados trabalhadores, que vencerão, estes, o soldo de Infantaria, e aquelles o de mil reis, diários. Conforme os trabalhos em que ocuparem as praças de pret, se lhes arbitrarão gratificações especiaes.

Artigo 6º – O destacamento do Btl. Se poderá fazer por Cias. Ou Sec., para os lugares onde se tornarem necessarios os seus serviços.

Artigo 7º – O quartel do batalhão de Engenheiros será na Escola de Aplicação do Exercito, creada por Dec. Nº 1.536 desta data, ficando subordinado ao Diretor da mesma Escola (na Fortaleza de S. João).



Pedro d'Alcantara Bellegarde, do meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, o tenha assim entendido, e expeça os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1855. Vigesimo quarto da Independência do Imperio.

Com a rubrica de sua Magestade o Imperador. Pedro d'Alcantara Bellegarde”.

ANEXO B: Ordem do Dia nº 150

“Quartel general do Comando em chefe do Exercito em operações, acampamento junto ao Passo da Patria, em 12 de abril de 1866.

ORDEM DO DIA N. 150

S. Ex. O Sr. General em Chefe, cheio de satisfação, manda dar publicidade às comunicações abaixo transcriptas, relativamente ao feito d'armas da madrugada do memorável dia 10 do corrente, inclusive a Ordem do Dia de S. Ex. O Sr. General em Chefe dos exercitos alliados dirigida aos mesmos exercitos:

Passo da Patria 11 de Abril.

O General em chefe do exercito alliado. - Ao Illm. E Exm. Sr. Marechal de Campo Manoel Luiz Osorio, general em chefe do exercito brasileiro. - Tive a honra de receber a nota de V. Ex. desta data, acompanhando copia dos apontamentos deixados pelo mallogrado tenente-coronel do estado-maior de artilharia João Carlos de Willagran Cabrita, chefe da guarnição da ilha em frente à Itapirú relativa ao ataque feito à ilha pelos paraguayos na madrugada de hontem.[...]

Envio à V. Ex. Copia authentica da Ordem do Dia que expedi para os exercitos alliados, em honra dos valentes da ilha da bateria em frente à Itapirú, esperando V. Ex. Se sirva dar d'ella conhecimento ao exercito do seu digno commando.[...] Deus guarde V. Ex. - (assignado) Bartolomeo Mitre

ORDEM DO DIA

O General em chefe dos exercitos alliados.

Recomenda-se à consideração dos exercitos alliados, do Imperio do Brasil, do Estado-Oriental, e da Republica Argentina, o comportamento brilhante e valoroso da guarnição da ilha da bateria em frente ao Itapirú, na madrugada de hontem.

Esta guarnição composta em sua totalidade do exercito brasileiro, do 7º corpo de voluntarios da patria, do 14º batalhão de linha, soldados novos em sua maior parte e de 100 engenheiros com os artilheiros que guarnecião as peças, rechaçou triumphantemente e com maior vigor e denodo, fazendo uma sortida, o ataque que lhe levou o inimigo na madrugada de 10, em numero superior, obrigando-o à deixar em campo cerca de dous terços dos seus soldados, mortos, e precipitando o resto nas aguas do Paraná, onde em sua maior parte encontrou a morte, debaixo do fogo dos canhões da esquadra brasileira, que tão digna e eficazmente contribuiu para o complemento deste triumpho.

Mais de 800 espingardas do inimigo, deixadas no campo ao lado de 650 cadaveres, e pouco mais ou menos 200 afogados, 30 canoas, grande numero de munições e 30 prisioneiros, entre elles o chefe da expedição, são os trophéos desta victoria, tão gloriosa para o exercito brasileiro e cuja gloria reflete em honra das armas alliadas.

Honra e gloria aos valentes da ilha em frente ao Itapirú!

Honra e gloria ao mallogrado tenente-coronel Cabrita, que dirigio com tanto acerto como energia este brilhante feito d'armas, e succumbio em seu posto escrevendo a parte de sua victoria, assim como o major Sampaio que o acompanhou em seus perigos, e em sua gloriosa morte. - (assignado) Mitre.

Quartel-general, Passo da Patria, Abril 11 de 1866. Está conforme. - J. M. de la Fuente, secretario de S. Ex. O Sr. General em chefe. - Conforme. - I. V. Pederneiras. Coronel deputado do ajudante general”.

ANEXO C: Ordem do Dia nº 156

“Quartel General do Commando em Chefe do 1º Corpo do Exercito em operações; acampamento na República do Paraguay, em Tuyuty, 28 de maio de 1866.

ORDEM DO DIA N. 156

Os exércitos aliados contão mais um grande triumpho em favor da santa causa que defendem, assinalado nos campos de Tuyuty! [...]

Quartel General do commando geral de artilharia, em Tuyuty, 27 de maio de 1866 [...].

Pela parte que deu o Tenente-Coronel Emílio Luiz Mallet verá V. Exc. Que todos os seus officiaes e praças tiveram um comportamento honroso para o paiz brilhante para elles: assim tambem os officiaes e mais praças do batalhão de engenheiros que ali se achava e que muito bons e variados serviços prestou, sendo digno de especial atenção o major do Estado-maior de Artilharia Conrado Maria da Silva Bittencourt, que com valor e intelligencia mostrou-se digno da confiança com que honrou V. Exc. Dando-lhe o commando interino d'aquelle batalhão.[...]

Não posso deixar de mencionar o nome do tenente do estado-maior de 1ª classe Manoel Ignacio Carneiro da Fontoura, membro da comissão de engenheiros, o qual movido unicamente pelo zelo do serviço muito auxiliou a 2ª Bateria do 3º Batalhão de Artilharia nas duas posições que ocupou na linha de fogo, fazendo transportar munições: pelo que mais uma vez se tornou digno de elogios”.[...]

Deus guarde a V. Exc. - Illmº Exm. Sr. Barão do Herval, D. Commandante em chefe do exercito – O brigadeiro José de Victoria Soares de Andréa, comandante geral de Artilharia”.

ANEXO D: Ordem do Dia nº 237

Commando em Chefe de todas as forças Brasileiras em operações contra o Governo do Paraguay.

Quartel em Pare-Cué, 26 de Julho de 1868

ORDEM DO DIA N. 237

O Exm. Sr.. Marquez, Marechal e commandante em chefe, resolvendo[...]

E, finalmente, S. Exc. Aproveita esta oportunidade, para render ao batalhão de engenheiros e ao seo digno chefe, os elogios de que se fez credor, não só pelos serviços prestados no reconhecimento de 16, como em todas vezes que seu trabalho tem sido necessário ao exercito, já nas ocasiões dos imensos combates que se tem achado, e já nas lides de marchas, passagens de rio, e segurança de acampamentos.[...]

Quartel em Pare-Cué, 26 de Julho de 1868

O Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa, Chefe do Estado-Maior.

ANEXO E: Ordem do Dia nº 152

Quartel General do Commando em Chefe do Exercito em operações; acampamento na Republica do Paraguay junto ao Passo da Pátria, em 25 de abril de 1866.

ORDEM DO DIA N. 152

V. Exc. O Sr. General em Chefe, congratulando-se com o exército de seu, pelo feliz successo da operação que nos deu posse das posições que occupava o inimigo nesta margem do Paraná, e consequentemente a passagem franca dos Estados Alliados para o territorio Paraguayo, manda fazer publico ao mesmo exercito as partes especiais dos Corpos das duas divisões que compozerão a expedição, os quais tiverão ocasião de se encontrar em combate com o inimigo, affim de que chegue ao conhecimento de todos o modo porque foi apreciado o comportamento d'aquelles que se distinguirão [...].

O Sr. Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho, Chefe da Comissão de Engenheiros, que acompanhou o Sr. General em Chefe no dia 16, mostrou-se activo e zeloso em coodjuva-lo n'aquillo para que podia concorrer.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM RRm EB  
Delegado da AHIMTB/RS  
lecaminha@gmail.com